

“A REVOLUÇÃO (NECESSÁRIA) DAS MULHERES” NAS PÁGINAS DE *VERSUS*

MARIANA LINK MARTINS¹; CLÁUDIA LORENA VOUTO DA FONSECA²

¹Universidade Federal de Pelotas – marianalinkk@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – fonseca.claudialorena@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A imprensa alternativa foi uma eficaz forma de resistência à ditadura militar brasileira. Segundo CRESPO (2018), os periódicos alternativos opunham-se ao discurso do governo autoritário e também eram um contraponto à grande imprensa que foi conivente com os militares. Com seus projetos políticos e culturais, esses periódicos foram essenciais para a redemocratização do país (CRESPO, 2018, p. 291). Entre as publicações alternativas apontamos *Versus* como uma das mais significativas. Fundada pelo gaúcho Marcos Faerman, a revista¹ paulista destacou-se por seu projeto inédito e revolucionário, o qual consistia na ação cultural como forma de resistência e na proposta de fazer da América Latina o seu foco temático.

Versus circulou de outubro de 1975 a outubro de 1979, um período caracterizado por intensas mudanças nos paradigmas políticos, sociais e culturais no contexto brasileiro. Em relação à ditadura militar, uma promessa de abertura política pairava no horizonte, enquanto isso os movimentos sociais estavam crescendo e tomando novas proporções. É no final da década de setenta, por exemplo, que os movimentos feministas tiveram seu momento de maior expressividade no país até então e que os estudos sobre as mulheres aumentaram nas academias e em outros espaços de produção do saber, de acordo com DUARTE (2003).

Tendo em vista que o feminismo era estigmatizado no país, inclusive pelas organizações de esquerda que julgavam as pautas feministas como inoportunas, inconvenientes e de caráter divisionista, conforme aponta COLLING (1997), a intenção deste trabalho é analisar a relação de *Versus* com a luta das mulheres, isto é, verificar como a publicação se comportava a respeito do tema, já que era uma representante dos pensamentos da esquerda, com um grande alcance de leitores. Dessa forma, buscamos compreender se *Versus* reproduzia em suas publicações este sintoma da esquerda, ou se neste ponto diferenciava-se, já que como afirma CRESPO (2018), a revista era contra as ortodoxias da esquerda.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho é parte da pesquisa de dissertação de mestrado que objetiva refletir sobre a participação de mulheres intelectuais em revistas culturais e literárias alternativas, que circularam no Brasil no final da década de setenta. Para tanto, partimos de um olhar crítico feminista e temos como base a metodologia proposta por CRESPO (2011; 2018) para o estudo de revistas culturais e literárias latino-americanas. Para a autora, as revistas são “consideradas um objeto de estudo

¹ *Versus* anunciava-se como “um jornal de aventuras, ideias, reportagens e cultura”, no entanto, de acordo com CRESPO (2018), devido às suas características, é classificado tecnicamente como uma revista. Dessa forma, neste trabalho, optamos por utilizar a classificação de CRESPO (2018).

central para o conhecimento de aspectos da história, da cultura e da literatura latino-americanas” (CRESPO, 2011, p. 107), pois em suas páginas encontram-se manifestações que estão diretamente relacionadas às urgências do período em que circularam. Sua metodologia consiste em uma análise interdisciplinar, na qual observamos as publicações, os grupos intelectuais presentes e a conjuntura da época. Portanto, na investigação proposta, é necessário, além de analisar as pessoas que trabalhavam na produção editorial e as que eram publicadas, observar o conteúdo das publicações, pois dessa forma será possível compreender o projeto que fundamenta os periódicos estudados, ou seja, “entender sua inserção política, papel social, função cultural, projeto estético e, principalmente, a vitória ou o fracasso de suas apostas ideológicas [...]” (CRESPO, 2018, p. 287).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em seus quatro anos de circulação, *Versus* publicou trinta e quatro números, mais cinco edições especiais, dentre elas duas em formato de quadrinhos. Foi construída por seus editores, especialmente por Marcos Faerman, como uma publicação de resistência cultural, que elegeu a América Latina – sua história, seus heróis, seus intelectuais – como tema principal. Em suas páginas, a literatura e a arte ocupavam grande espaço, assim como ensaios críticos sobre os mais diversos temas. Além disso, sua personalidade estética original a tornou um objeto artístico, destaca KUCINSKI (1991). Esses aspectos fizeram com que a voz de *Versus* fosse ouvida em todos os estados brasileiros e até em espaços internacionais. O alcance foi tanto que em 1977 chegou a vender 35 mil exemplares por edição, um grande feito para um periódico alternativo.

É importante ressaltar que a revista é dividida em duas grandes etapas: a primeira até o número 23, todos coordenados por Faerman, na qual a ação cultural encontrava-se em foco. Em sua segunda etapa, a partir do número 24, de setembro de 1978, passa a ser dirigida pela organização trotskista Convergência Socialista e torna-se um veículo de propaganda partidária, abandonando o projeto inicial, mantendo algumas características estéticas. Essa fase durou um pouco mais de um ano e teve onze números publicados. Segundo CRESPO (2018), essa instrumentalização da publicação levou ao fim de sua circulação.

Em nossa análise observamos que, desde seu início, *Versus* reservou certo espaço para as discussões relacionadas às mulheres e suas lutas próprias. A revista dedicou-se a publicar textos teóricos sobre o feminismo, reflexões a respeito da violência que sofrem as mulheres, especialmente as presas políticas torturadas e também as operárias nas fábricas. As especificidades da opressão das mulheres negras aparecem em alguns números, assim como os movimentos que empreenderam. Um grande foco da revista foi dar visibilidade a mulheres – assim como a homens – que fizeram história de alguma forma, como, por exemplo, Patrícia Galvão, conhecida como Pagu, Evelyn Reed e Rosa Luxemburgo, a qual teve uma edição dedicada. Na maioria, as manifestações eram da autoria de mulheres, raras às vezes homens estavam discutindo sobre o tema.

Dos seus 39 números publicados, 16 abordam a temática, sendo dois em 1976, três em 1977, cinco em 1978 e seis em 1979. É necessário apontar que, apesar de trazer o tema em todas essas edições, em algumas são apenas pequenos textos, que dividem a página com outros assuntos, que não são elencados no sumário. Outros são artigos mais longos, que ocupam mais de uma página, inclusive com destaque na capa, como é o caso de um debate entre Simone de Beauvoir e

Jean-Paul Sartre, publicado no número 4, de abril de 1976, que sob o título “Sabe, Sartre, os seus livros são um pouco machistas”, abrange duas páginas. Na nona edição há um texto de cinco páginas, de Diana Bell, sobre as operárias latino-americanas em Nova York. Rosa Luxemburgo tem sua história contada por Mary Alice Waters em seis páginas, no número 30.

É possível perceber que, em ambas as fases, *Versus* conservou uma postura de colaboradora dos movimentos de mulheres. Inclusive, a redação do jornal *Nós, mulheres*, um dos primeiros jornais feministas do país, começou seu trabalho no porão de *Versus*, convidada por Marcos Faerman, grande apoiador do projeto. No terceiro número, a revista publica um texto assinado por Raquel Moreno, apresentando os objetivos do novo jornal feminista, o qual também publica na edição seguinte de *Versus* um artigo reafirmando seus ideais.

Essas atitudes comprovam que a revista diferenciava-se de grande parte da intelectualidade de resistência à ditadura militar, que ignoravam a luta das mulheres ou então a depreciavam, como o jornal *O Pasquim*, um dos maiores representantes da esquerda intelectualizada, que de acordo com PINTO (2003), tratava as mulheres de forma vulgarizada e ainda debochava do feminismo. Sem dúvidas, quando comparado a outros temas da revista, como a literatura de autores latino-americanos, os movimentos de mulheres preenchiam poucas páginas. No entanto, em vista das circunstâncias da época, podemos considerar que a revista não estigmatizava as pautas feministas, nem as consideravam inoportunas e inconvenientes. Pelo contrário, *Versus* via a luta das mulheres como necessária, conforme frisa na capa da edição 28, de 1979.

4. CONCLUSÕES

Considerando que a ditadura militar é um capítulo da história do Brasil que sofre com tentativas constantes de silenciamentos, principalmente nos últimos anos devido à crescente onda conservadora e autoritária arquitetada pelo atual governo federal, existe uma urgente necessidade de iluminar os sombrios anos ditoriais, e assim colocar em evidência os grupos que formaram frentes de resistências e lutaram pela redemocratização da sociedade e pelo fim da crueldade dos militares, como foi o caso da imprensa alternativa.

Versus foi uma grande representante dos movimentos de resistência, a qual foi muito além da oposição à ditadura militar. Criou uma rede de conhecimento latino-americano, um intercâmbio entre o Brasil e o restante da América Latina, principalmente com aqueles países que também viviam o terror de Estado praticado pelas ditaduras. Esse sentimento de latinidade que *Versus* tentou implantar no Brasil, ainda hoje não criou raízes, por isso é essencial recuperar sua história.

Além disso, ao unir com a luta de classes, o feminismo e as reivindicações das mulheres, assim como o movimento negro, a revista mostrou-se de fato como progressista, preocupando-se com todas as formas de opressão e demonstrando como é fundamental refletir a partir da intersecção entre raça, gênero e classe para o estabelecimento da democracia.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COLLING, A. M. **A Resistência da Mulher à Ditadura Militar no Brasil.** Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1997.

CRESPO, R. A. Revistas culturais e literárias latino-americanas: objetos de pesquisa, fontes de conhecimento histórico e cultural. In: JUNQUEIRA, M. A.; FRANCO, S. (orgs). **Cadernos de Seminários de Pesquisa**: volume II. São Paulo: USP-FFLCH-Editora Humanitas, 2011. Cap. 5, p. 98-116.

CRESPO, R. A. Versus: um espaço da América Latina na imprensa alternativa (1975-1979). **Matrizes**, v. 12, n. 2, p. 281-307, 2018.

DUARTE, C. L. Feminismo e literatura no Brasil. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 17, n. 49, p. 151-172, 2003.

KUCINSKI, B. **Jornalistas e revolucionários nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo: Scritta Editorial, 1991.

PINTO, C. R. J. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: F. Perseu Abramo, 2003.

VERSUS. São Paulo: **Versus**, n. 3, fev./mar. 1976a.

_____. São Paulo: **Versus**, n. 4, abr./maio. 1976b.

_____. São Paulo: **Versus**, n. 9, abr. 1977.

_____. São Paulo: **Versus**, n. 28, jan. 1979a.

_____. São Paulo: **Versus**, n. 30, mar. 1979b.